

CELCIT. Dramática Latinoamericana 351

AS PEÚGAS DE EINSTEIN

Helder Costa

PERSONAJES: M (3) / F (3)

Einstein, Roosevelt

Morize, Max Planck, Taberneiro, Bettina, F. Walter

Rosina, Poema de Drummond, jornalista

Paulette Godard, Mileva, mulher nazi, Marilyn Monroe

Chaplin, Lenine, Lenard, Hoover

Elsa, Arthur Miller

Escuro.

Musica(2001 Kubrick)

Projecção do céu de Sobral.

Luz

Einstein, Morize, Rosina

Einstein - Em Sobral! Foi aqui no maravilhoso céu do Brasil e também na ilha do Príncipe, ao mesmo tempo...

Morize (vem da DB) - E foi então que o "Times" de Londres publicou a tal noticia bombástica : "Revolução na Ciência, nova teoria do Universo, ideias de Newton derrubadas".

E.- Teria sido uma notícia desagradável para Newton. Qualquer cientista procura respeitar as investigações do passado e eu também o procurei respeitar. Eu avancei mais um pouco do que Newton, mas qualquer dia serão as minhas teorias que ficarão ultrapassadas.

M.- Acha que sim?

E.- Com certeza, eu acredito na inteligência e na eterna curiosidade do ser humano.

M.- É bom ter-nos visitado neste ano internacional da Astronomia, nas comemorações das experiências de 1919...

E.- Meu caro, avisaram-me destas cerimónias e - apesar de estar farto por quase não ter vida privada - , fiz um esforço para estar com vocês.

M.- Fui eu que lhe enviei o convite. Rosina !

(entra Rosina com bandeja e dois copos)

Rosina - Seja bem vindo Einstein. Tome um suco dos nossos frutos. Estou admirada por ter aceitado o convite do Henrique.

E.- Henrique...

M.- Henrique Morize, estivemos juntos no Observatório Nacional, Rio de Janeiro, em 1925.

E.- É isso. Desculpe, não reparei que era você.

R.- Ainda bem que veio. Eu sei que você prefere andar de barco com as suas amigas.

E.- Ainda bem que vim. Até porque eu não gosto de perder a oportunidade de conhecer lindas mulheres

R.- Sempre galante.

E.- Eu adoro conhecer a estrela que surpreende e encanta.

R.- Estrelas ? sempre ouvi dizer que você preferia as galáxias (risos)

M.- Então, Rosina!

R.- Meu querido, isto é um elogio ao nosso cientista

E.- Eu conheço os elogios femininos...(risos) Meu caro Morize, recordo que foi você quem fotografou o eclipse. Devo-lhe essa enorme alegria.

Astronomia! Dantes tudo isso era visto como bruxarias. Falava-se de ocultismo. E perseguiam -se os investigadores

M.- -O ocultismo continua. Até está na moda.

E- e com a crise actual vai tomar ainda mais força. Dizem que as partículas quânticas fazem sempre grandes habilidades, mas eu desconfio. (Corteja Rosina)

A verdade é que, por vezes, fazem coisas maravilhosas.

R. - Você sempre gostou de mulheres.

E- Como verdadeiro cientista heterossexual , nisso não sou como Newton! Sempre

amei esta obra única da Natureza, a mulher.

R.- Assim como o seu amigo Chaplin

(projecção “ Tempos Modernos”)

Musica - Count Basie

E. - Lindissima!

Einstein, Paulette, Chaplin

(Chaplin persegue Paulette que foge e esbarra com Einstein. Chaplin assiste ao encontro e finge de estátua quando Einstein olha na sua direcção)

Paul.- My dear Albert, are you happy in the United States?

E.- Paulette...

Paul.- You are very funny...(risos) your hair...(despenteia-o)

E.-(despenteia-se mais e ri)

Paul.- Scientist, good man...

E.- Paulette...

Paul .- I have to go. Bye, bye....(beija-o)

E.- Paulette...(Paulette sai.)

E.- Eu olhava para ela e nem conseguia falar. Só pensava naquele Chaplin, aquele génio do riso, da lágrima, da emoção , um grande palhaço... Quando julguei que tinha passado um minuto, descobri que afinal tinha sido uma hora...Cheguei a casa, liguei o fogão e quando lhe pus a mão em cima durante um só segundo, pareceu-me um minuto...Tive de ir ao médico...(risos). É isto a Relatividade.

Ch.- Não percebi nada. Ou antes, percebi que gostou muito da Paulette.

E.- Estou a gostar de você. Não percebe e confessa que não percebe. É ao contrário da maioria das pessoas. Dizem que sim, mas eu sei que me estão a fazer um favor.

Ch.- e percebe a Paulette?

E.- Meu caro amigo, não me martirize mais com a Paulette. Quer que eu me queime outra vez?(risos)

Ch.- Então... podemos falar um pouco mais da relatividade?

E.- Não tenha pressa. A ciência exige muita paciência, muita aprendizagem, muito tempo que - ao contrário do que muitos pensam- nunca é tempo perdido.

Ch - Eu sei, no meu trabalho, também preciso de muita paciência.

Mas quero conhecê-lo melhor. Começemos : Albert Einstein é alemão...

E.- (com humor) Alemão? Porquê? Por ter nascido na Alemanha? Que culpa tenho eu de ter nascido em Ulm? Olhe, com 16 anos, renunciei à cidadania alemã e fui para a Suíça. Para fugir ao anti-semitismo fui estudar em Zurique.

Com a Primeira Grande Guerra descobri que tinha tido razão em desaparecer daquela terra.

Ch.- Todas as grandes potencias estiveram na Primeira Grande Guerra. Eu também não tenho culpa de ter nascido em Inglaterra.

E.- Houve um facto muito desagradável. Acontece que em 1914 eu já tinha um nome prestigiado no mundo Científico. Não gosto de falar destas coisas, parece que estou me exibindo.

Ch.- Isto é uma conversa entre amigos, ninguém nos está a ouvir.

E.- Eu sei, por isso estou à vontade.(indignado) Imagine que o Max Planck, um cientista de alto nível e foi isso que mais me aborreceu , à frente de cerca de cem cientistas , publicou um “ Manifesto ao Mundo Civilizado” apoiando a mobilização alemã para a guerra como resistência contra “as hordas russas” , “os mongóis” e “os negróides”...e depois esse texto foi apoiado por imensos escritores e artistas!

Ch.- Já anunciavam o discurso Hitleriano.

E.- Sim, e também podemos dizer que eram legítimos herdeiros de Bismarck e do Império Austro-Húngaro, os carrascos da Comuna de Paris. Então, eu e mais três respondemos com um texto classificando esse Manifesto como um acto vergonhoso. Éramos poucos, mas bons.

Ch . - Às vezes, não faz mal nenhum estar em minoria.

(saem)

(Rosina e Morize)

Musica - Mozart

(Noite, Morize circula, tenso. Rosina dança e coloca o pano verde no centro de cena como se fosse tapete da sala)

Rosina- Henrique, você anda preocupado.

M.- É verdade. Há grandes conflitos entre os cientistas. É difícil conseguir acordos e entendimentos que parecem simples.

R.- Você acha que tem razão numa coisa e os outros não acham.

M.- É isso mesmo.

R.- E você está convencido que tem razão.

M.- Claro.

R.- Oiça Gedeão , um poeta português. Fez um poema sobre um grande amigo seu

Pois não é evidente, Galileo?

Quem acredita que um penedo caia

com a mesma rapidez que um botão de camisa ou que um seixo da praia?

Esta era a inteligência que Deus nos deu.

Estava agora a lembrar-me, Galileo,
daquela cena em que tu estavas sentado num escabelo
e tinhas à tua frente
um friso de homens doutos, hirtos, de toga e de capelo
a olharem-te severamente.

Estavam todos a ralhar contigo,
que parecia impossível que um homem da tua idade
e da tua condição,
se tivesse tornado num perigo
para a Humanidade
e para a Civilização.

Ai Galileo!

Mal sabem os teus doutos juízes, grandes senhores deste pequeno mundo
que assim mesmo, empertigados nos seus cadeirões de braços,
andavam a correr e a rolar pelos espaços

à razão de trinta quilómetros por segundo.

(a partir daqui, o poema é dito pelos dois)

Tu é que sabias, Galileo Galilei.

Por isso estoicamente, mansamente,

resististe a todas as torturas,

a todas as angústias, a todos os contratempos,

enquanto eles, do alto inacessível das suas alturas,

foram caindo,

caindo,

caindo,

caindo,

caindo sempre,

e sempre,

ininterruptamente... (beijam-se)

(Rosina sai dançando)

(Suiça, jardim. Einstein e Lenine)

Musica - Mozart

(Lenine entra lendo uns papeis e anotando; E. entra por outro lado)

Einstein - senhor Lenine, vai ao café Odeon?

Lenine - mais tarde. Agora vou passear um pouco pelo jardim. Quer fazer-me companhia?tenho saudades dos jardins de S. Petersbourg...

E. - este também é bonito...olhe, um passarinho...piu, piu...piu piu... Eu fugi da Alemanha, da perseguição aos judeus, do serviço militar, e queria respirar um ar mais saudável E também estou na Suíça para estudar. Mas você Lenine, a Alexandra Kollontai, Trotsky...

L. - Fugimos à repressão czarista. E também estudamos.

E.- Também estudam?A insurreição, as greves, a agitação, os ataques à policia, aos bancos...

L.-Vejo que anda bem informado. Mas isso não chega para derrubar aquele poder com milhares de anos. É preciso criar uma nova filosofia dialéctica e materialista.

E.-Mas, como ?

L.- Os estudos de ciências e matemática são essenciais para descobrir essa nova forma de pensar.

E.- O quê? Não imaginava.

L.-Então, tem de imaginar. Os seus estudos e as suas descobertas já são importantes , muito importantes.

E.- Porquê?

L.- Porque libertam o homem do obscurantismo e da ignorância. Como fizeram Galileu, Newton, Darwin e tantos outros ao longo dos séculos. Tudo o que se inventa ou se descobre acaba por demonstrar que o mundo se transforma, que tudo se pode transformar. Isso ajuda a luta. Principalmente nestas épocas de desânimo e de derrotas sociais.

E.- Quer dizer que...

L.- Quer dizer que esse seu ano de ouro, esse ano de 1905 em que publicou artigos sobre a natureza da luz , o tamanho das moléculas e a propriedade do Espaço-Tempo e da Matéria-Energia ajudam-nos a definir a tal filosofia que acredita que uma forma justa de pensar é o verdadeiro guia para a acção. E agora, volte para os seus estudos que eu quero acabar o meu futuro livro “ Materialismo e Empiriocriticismo” , o escrito mais complicado em que me meti.

E.- Espero que esse estudo dê o resultado que espera.

L.- Não tenho grandes esperanças. Mas como também não sei fazer mais nada...
(risos)

E.- Então, até amanhã.

L.- Jovem Albert Einstein, não se esqueça dos estudos. Não perca tanto tempo no café Odeon.

E.- Meu caro Lenine, vocês têm me ensinado a pensar. Isso é fundamental para as minhas investigações. Até amanhã.

(Einstein sai)

L.- Teimoso, vê-se logo que é cientista. Olha, o passarinho...piu piu piu piu...vem comigo, vem...(sai) piu...piu...piu...

Einstein e Mileva

(Som de bebé, feito por uma actriz em off)

(Mileva à mesa, escreve. Acende uma vela. Levanta-se, agarra no pano verde e transforma-o no "bebé"

Mileva - cala-te! Pareces o teu pai.

(Sai de cena)

(entra Einstein , vai para a mesa)

Mileva (coxeia, vem com o " bebé" nos braços) - Albert, vai ver o teu filho, está a chorar.

E.- Estou a pensar. Mileva, já sabes que não gosto que me incomodem.

M.- Eu também gosto de pensar e não tenho tempo. O filho é dos dois.

E.- Mas mãe só há uma. (risos)

Olha, acabei de ter o pensamento mais feliz da minha vida : será possível que haja equivalência entre aceleração e gravitação? Se isto é verdade , começou a nascer o que vou chamar a Relatividade Geral.

M.- Acabas de ter outro filho! E esse é só teu.

(entrega o " bebé" a Einstein e sai)

E.- Não sejas ciumenta. Havemos de ter mais filhos. Só de nós dois.

(violino)

E. (Passeia com o "bebé" nos braços)- Passo algum tempo sem tocar violino. É no que deu esta paixão pela matemática e pela física. E a Maria, o que será feito dela? Era a filha do professor de violino. Acompanhava-me ao piano, dávamos passeios pelo bosque e as avezinhas eram a inspiração do nosso amor. O nosso " amor eterno" ...Depois fui estudar para Zurique e...longe da vista, longe do coração. Mas nunca mais me esqueci da Maria. Se calhar, apesar de tudo, não passo de um romântico que não se quer esquecer do primeiro amor.

Mileva - (voz exterior) Já acabei o artigo, tens que ler.

E.-Já vou. Mileva, mais velha que eu, não era nenhuma beleza. Quer dizer, era mesmo feia. E coxeava. Mas gostei dela.

Estudou física como eu, lia os meus artigos, filhos, rotina. Casamento.

Foi uma asneira. Não gostava dos meus amigos. Claro, ela percebia que eles não

gostavam dela. Não me deixava à vontade com os meus pensamentos , com os meus estudos. Queria ser a minha Musa.

Mileva(entra) -Albert, ouviste o que eu disse?

E.- O jantar está na mesa?

M.- Qual jantar! Se queres jantar vai jantar fora, vai para essas noitadas com os teus amigos..

E.- Ah, sim. Agora deixa-me em paz, está bem?

Einstein e Elsa

Musica Armorial (polka)

E no meio deste pesadelo apareceu na minha vida a minha prima Elsa (Aparece Elsa que seduz E. que entrega o(pano/ "bébé") a Rosina e Morize que o transformam num barco. Durante o percurso Rosina e Morize vêem o sexo de Einstein com a Elsa. Einstein sai a correr com as calças em baixo e Elsa agarra no barco/pano e sai para o fundo, vendo-se de costas que está nua. Rosina e Morize começam com o mesmo jogode sedução que E. e Elsa tinham feitoaté saírem) Consegui o divórcio de Mileva. Coisa difícil, mas consegui convencê-la com um argumento louco: quando ganhasse o prémio Nobel, ficaria com o dinheiro.

(Einstein chama Mileva)

E.- Mileva!

M.(entra) Ainda não morreste?

E.- Estive doente, de cama, durante meses. Mas, felizmente, salvei-me.

M.- Foi essa tua prima que te aturou na doença?

E.- Sim, foi muito minha amiga.

M.- Não é ciumenta como eu ?

E.- Não, e eu estou livre como um passarinho.

(levanta-a ao ar e ela bate-lhe)

M.- Meu devasso, libertino!

E.- Mileva, venho cumprir o que prometi. Aqui tens os 32.000 dólares do Prémio Nobel. E obrigado por teres assinado o divórcio.

(Mileva conta as notas, vê se são falsas)

M.- Albert, é muito.

E.- Não, a liberdade não tem preço.

M. - obrigado pela minha liberdade (sai dançando o Armorial)

Einstein, Rosina e Morize

Rosina - (entra dançando o Armorial com E.) -finalmente feliz!

M.- O que eu acho fantástico é você ter dito à Mileva que lhe daria o dinheiro quando ganhasse o prémio Nobel... e se ...

E.- Se não ganhasse ? Eu tinha a certeza que havia de ganhar. O meu trabalho era bom, (risos)

R.- Deus é muito seu amigo?

E.- sim, ele dá-me sempre agradáveis surpresas.

R.- ajuda-o nas suas descobertas?

E.- sim, e sabe porquê? Porque eu nunca lhe peço nada.

R.- que conversa...

E.- Ele não dá nada aos penitentes e peregrinos que andam de joelhos.

R.- Einstein!

E.- Ele percebe que essas orações e sofrimentos são interesseiros, querem qualquer coisa em troca. E então, faz ouvidos de mercador.

O senhor fuma?

M.- Não.

E.- Pois. Agora deu a moda de não fumar. É aquela coisa que inventaram, o "politicamente correcto". O meu médico também não quer que eu fume, mas de vez em quando não passo sem o meu cachimbo...

(cachimbo, fósforo)

Que luz tão bonita!(descreve a luz do fósforo) Quando eu era criança imaginava correr atrás de um raio de luz e viajar à mesma velocidade. Nunca mais me esqueci desse sonho. Na minha imaginação, com as minhas experiências mentais, vim mais tarde a descobrir que a luz era afectada pela gravidade.

Como provar isto?

(Morize e Rosina dirigem-se ao público;Einstein está entre os dois a ouvi-los com curiosidade)

M.- Só com fotografias de estrelas detrás do Sol durante um eclipse. A Lua passava à frente do Sol, este desaparecia, e viam-se as estrelas que não são visíveis durante o dia...

(Einstein passa para DB, ao lado de Rosina)

R.- Repetimos as mesmas fotos dois meses depois, e verificou-se que tinha havido um desvio da posição das estrelas! Concretamente : tinha havido deslocação das posições de três estrelas durante o eclipse.

M.- O que quer dizer que a luz, vinda de uma estrela distante, tinha feito uma curva perto do Sol. Isso provava que a luz se portava como a matéria, Estava provada a teoria da Relatividade Geral.

(M. vai para EB e R. vai pôr banco com vela no C)

E. (ao público)- Esta experiência confirmou-me uma minha velha convicção : a imaginação é mais importante que o conhecimento. Porque a imaginação é a génese do pensamento criativo. Levanta novos problemas, novas questões, trata velhos problemas sob novos ângulos...

(Einstein vai sentar-se na mesa na DC e assiste à cena seguinte)

(Morize e Rosina)

(Musica Chopin)

Rosina (dança)

- Henrique, vamos dançar?

(dançam)

Rosina- Esta vela é o Sol. Agora eu vou continuar a dançar, mas sozinha. Tu também continuas.

(Continua o movimento)

Rosina - Estou a passar em frente da vela, muito devagar...

Morize - É um eclipse.

Rosina - Se estivessem estrelas atrás da vela, a luz delas tinha de fazer uma curva para chegar a ti...o planeta Terra...

Morize - A tua poesia é linda, mas isto não prova nada.

Rosina- Não prova, mas é engraçado.

(vai buscar a vela, fica frente a ele) Henrique, não sejas tão terra a terra!

Morize - E tu não andes sempre na Lua...

(Rosina sai e faz gesto subtil para ele a acompanhar)

M.- (para Einstein) Quando penso em 1919 e no seu valor finalmente reconhecido, imagino a sua felicidade. Tinha chegado a consagração!

(Foge para encontrar Rosina)

E.- A consagração, o êxito e a perseguição.

(gargalhadas de Rosina e Morize nos bastidores)

(Cientista com cruz gamada no braço, brandindo papéis)

Lenard -(senta-se no banco) Eu, Philippe von Lenard, declaro que Einstein é o rei dos judeus vigaristas, é o símbolo da mentira dessa raça sub-humana.

A teoria da relatividade é mais uma falsificação judia!

Temos de esmagar e destruir essa gente, esses traidores da filosofia e da ciência da grande Alemanha.

Temos de os expulsar da nossa santa Pátria. Rua da Alemanha! Fora da Alemanha!

(levanta-se, fica à frente do banco)

Os estudantes judeus não podem entrar nas nossas universidades.

Os professores judeus deixam de ter alunos. Rua da Alemanha!

Se a estupidez e a teimosia judia não os fizerem desistir, trancaremos as suas salas de aula com cadeados. Morte a essa raça indigna!

(sai) (Palmas amplificadas com som)

(Música expressionista)

(Einstein, Elsa e Max Planck)

Einstein(circula) - o saber e a Ciencia na mão dos nazis!Como é possível!?

Elsa -(entra e leva banco do centro de cena para a mesa)

Albert, mein liebe, não te preocupes com Lenard e com os seus amigos.

(Tira pacotes de cartas de um saco). Olha o teu correio. Vem de toda a parte do mundo, felicitam-te, pedem-te conselhos e fotos autografadas.

E.- Katherine Hepburn,Picasso,Bette Davis...Charlie Chaplin...

Elsa - Nem uma estrela de cinema tem tanta adoração.

E.- Não me queiras comparar com a Marlene Dietrich.

Elsa - Acho que tu és mais bonito.

E.- Pois , pois, tudo é relativo...

(beijam-se)

(Sem ruído surge Max Planck)

Elsa - Max!

E.- Max Planck, meu grande amigo e mestre! Em minha casa! Cuidado, eu sou judeu.

M. Planck - Albert, eu acho que o problema que existe consigo se deve à sua constante intervenção política. Faça o seu trabalho científico e deixe esses assuntos para outra gente.

E.-Eu não acho que o cientista deva ficar em silêncio perante a política, perante a vida, perante os problemas do dia a dia. Eu não me arrependo de uma única palavra e estou convicto de que as minhas acções servem a humanidade.

M. Planck - O nazismo está a avançar em força. Mataram o seu amigo íntimo, o Walter Rathenau.

E.- Sim, e também mataram o Walter, o ministro das Relações Exteriores da Alemanha. Estão a apontar muito alto. Matam e ficam impunes. Pobre Alemanha ! Eu gosto do trabalho científico que estamos a realizar. Ficarei em Berlim até ao ultimo instante.

(pose de família virados para o publico, assistindo às cenas seguintes)

Projecção Auto de fé

Mulher nazi

Para que serve um judeu? Nós sabemos. Quando abriu a caça e os apanhámos aos milhões, executámos cientificamente o seguinte plano: primeiro, trabalhavam até estoirar. Para a Krup, para a Siemens, e outras grandes empresas. Não ganhavam, produziam e morriam. Segundo, eram aproveitados para as experiências de laboratório do genial doutor Mengele. Estudávamos exaustivamente o corpo humano, de forma a podermos criar gémeos alemães e esterilizar as outras raças.. Muito se conseguiu fazer. Terceiro, os cabelos

serviam para fazer feltro, sapatilhas para marinheiros, meias, chapéus; os ossos tinham utilização industrial, serviam para fazer farinha para porcos; a gordura transformava-se em óptimo sabão; a pele enfeitava candeeiros e abat-jours; os dentes de ouro, as alianças, os fios e as pulseiras fundiam-se e transformavam-se em esplêndidos lingotes racistas depositados no Banco do Reich.

E, por fim, o judeu ainda servia para isto.

(Pega fogo a uma folha de papel ou rasga a folha com os dentes)

Musica expressionista

(perseguições a judeus e campos de concentração)

(o casal E. e Elsa dirige-se para o fundo "entrando" na projecção)

Numa taberna. Confissão com taberneiro

Musica Tirol

(Einstein entra dançando, senta-se, bate na mesa)

Tab.- (entra com passinhos de dança) E o que é que o nosso grande cientista quer?

E.- Vinho branco verde muito frio. Esta vida é uma chatice.

T.- A quem o diz. Sabe que os vinhos este ano não são grande coisa.

E.- Oh diabo!

T.- (Trás copo e garrafa atrás das costas que põe na mesa) Calma, para o prémio Nobel arranja-se sempre uma especialidade.

E.- Então vai vender menos.

T.- Nada disso. Bebem sempre o mesmo. Isto de beber é também uma questão de companhia. É uma forma de afogar as mágoas.

E.- Desgostos de amor?

T.- Não, é mais a vida desta gente. Sem trabalho, fome. Olhe, faz lembrar "Os Miseráveis" daquele senhor francês, não era?

E.- Victor Hugo. "Quem rouba um pão vai para a prisão, Quem rouba um milhão vai para o palácio Bourbon".

T.- (põe pequeno copo na mesa e bebe)

E os Reis aceitam a companhia dessa gente?

E.- Claro que aceitam. Para se conseguir roubar um milhão é preciso ser de boas famílias. E o rei nunca se mete nesses negócios escuros.

T.- Aqui a gente diz que tanto é ladrão o que vai à horta, como o que fica à porta.

(risos)

E.- Pois eu bebo por outras mágoas. Estive doente, sem amores...

T.- O senhor sem amores?!

E.- Imagine! Deve ser castigo divino. Uma pessoa tanto brinca, tanto brinca, que... Andei a tentar a Betty, sabe quem é?

T.- Sei, sim senhor.

E.- Mas não levei nada. E quando desisti disse-lhe: tenho de procurar nas estrelas o que me negaram na Terra.

T.- E ela não gostou de si depois de uma conversa tão bonita?

E.- Não. Está a ver o que são as mulheres? Não têm sensibilidade nenhuma. Mais um copo. O pior é que eu gostava mesmo dela. Era simples, tinha uma beleza simples. Já o Newton dizia que a Natureza gosta de simplicidade.

T.- Quem?

E.- Newton. Você não conhece, é um amigo meu.

T.- Olhe, gostava de o conhecer. Se ele gosta de coisas simples, é cá dos meus. Já agora, desculpe sr. Albert, mas eu não percebo nada dessas coisas que o senhor descobre.

E.- Não se incomode com isso. Há muita gente que não percebe. Olhe, foi a partir da minha descoberta que a luz era constituída por fotões...

T.- Fotões ?

E.- São pequenos corpúsculos que depois chocam com electrões que estão numa chapa metálica, por exemplo. E então cria-se uma corrente eléctrica.

T.- E para que é que serviu essa descoberta?

E.- Para abrir e fechar portas, para o sonoro no cinema... a luz do Sol transformada em energia eléctrica, tanta coisa...

T.- Então serve para quase tudo.

E.- É verdade.

T. E eu que julgava que o sr. Einstein estudava essas coisas para atrapalhar as pessoas (risos)

E.- Ah, eu era um sábio louco (risos)

T.- Com o seu cabelo, e as caretas que passa a vida a fazer...

(põem os dois a língua de fora) Musica do Tirol

(saem dançando)

(Cena final de "O grande ditador " de Chaplin)

(mulher jovem diz o poema de Drummond de Andrade)

Stalingrado, miserável monte de escombros, entretanto resplandecente!

As belas cidades do mundo contemplan-te em pasmo e silêncio.

Débeis em face do teu pavoroso poder,

mesquinhas no seu esplendor de mármore salvos e rios não profanados,

as pobres e prudentes cidades, outrora gloriosas, entregues sem luta,

aprendem contigo o gesto de fogo.

Também elas podem esperar.

Chant des partisans

(a cortar consoante o ritmo do poema)

Ami, entends-tu le vol noir des corbeaux sur nos plaines ?

Ami, entends-tu ces cris sourds du pays qu'on enchaîne ?

Ohé partisans, ouvriers et paysans, c'est l'alarme !

Ce soir l'ennemi connaîtra le prix du sang et des larmes.

Montez de la mine, descendez des collines, camarades,

Sortez de la paille les fusils, la mitraille, les grenades ;

Ohé les tueurs, à la balle et au couteau tuez vite !

Ohé saboteur, attention à ton fardeau, dynamite ...

C'est nous qui brisons les barreaux des prisons, pour nos frères,

La haine à nos trousses, et la faim qui nous pousse, la misère.

Il y a des pays où les gens aux creux du lit font des rêves

Ici, nous, vois-tu, nous on marche et nous on tue, nous on crève.

Ici chacun sait ce qu'il veut, ce qu'il fait, quand il passe ;

Ami, si tu tombes, un ami sort de l'ombre à ta place.

Demain du sang noir séchera au grand soleil sur les routes,

Chantez, compagnons, dans la nuit la liberté nous écoute.

Stalingrado, quantas esperanças!

Que flores, que cristais e músicas o teu nome nos derrama!

Que felicidade brota de tuas casas!

De umas apenas resta a escada cheia de corpos;

de outras o cano de gás, a torneira, uma bacia de criança.

Não há mais livros para ler nem teatros funcionando nem
trabalho nas fábricas,

todos morreram, estropiaram-se, os últimos defendem pedaços
negros de parede,

mas a vida em ti é prodigiosa e pulula como insetos ao sol,

ó minha louca Stalingrado!

Bella Ciao

(a cortar consoante o ritmo do poema)

Una mattina mi son svegliato,

o bella, ciao! bella, ciao! bella, ciao, ciao, ciao!

Una mattina mi son svegliato,

e ho trovato l'invasor.

O partigiano, portami via,

o bella, ciao! bella, ciao! bella, ciao, ciao, ciao!

O partigiano, portami via,

ché mi sento di morir.

E se io muoio da partigiano,

(E se io muoio sulla montagna)

o bella, ciao! bella, ciao! bella, ciao, ciao, ciao!

E se io muoio da partigiano,

(E se io muoio sulla montagna)

tu mi devi seppellir.
 E seppellire lassù in montagna,
 (E tu mi devi seppellire)
 o bella, ciao! bella, ciao! bella, ciao, ciao, ciao!
 E seppellire lassù in montagna,
 (E tu mi devi seppellire)
 sotto l'ombra di un bel fior.
 Tutte le genti che passeranno,
 (E tutti quelli che passeranno)
 o bella, ciao! bella, ciao! bella, ciao, ciao, ciao!
 Tutte le genti che passeranno,
 (E tutti quelli che passeranno)
 Mi diranno «Che bel fior!»
 (E poi diranno «Che bel fior!»)
 «È questo il fiore del partigiano»,
 (E questo è il fiore del partigiano)
 o bella, ciao! bella, ciao! bella, ciao, ciao, ciao!
 «È questo il fiore del partigiano,
 (E questo è il fiore del partigiano)
 morto per la libertà!»
 (che e' morto per la liberta'

A tamanha distância procuro, indago, cheiro destroços
 sangrentos,
 apalpo as formas desmanteladas de teu corpo,
 caminho solitariamente em tuas ruas onde há mãos soltas e relógios partidos,
 sinto-te como uma criatura humana, e que és tu, Stalingrado, senão isto?
 Uma criatura que não quer morrer e combate,
 contra o céu, a água, o metal, a criatura combate,
 contra milhões de braços e engenhos mecânicos a criatura combate,
 contra o frio, a fome, a noite, contra a morte a criatura

combate,

Bella Ciao

(Actriz sai, cruza com Einstein e Chaplin que a cumprimentam)

E.- Drummond de Andrade, o genial poeta brasileiro , não faltou com a sua voz bela e lúcida. E aqui, nos Estados Unidos, Roosevelt conseguiu vencer a posição isolacionista orquestrada pelos patrões da indústria.

(Roosevelt com Edgar Hoover)

(hino e projecção de bandeira dos USA,close para sigla FBI)

Chaplin/Hoover(pinta os lábios,põe peruca ruiva,boá e vê que está gordo)-

Bettina!

Bettina(peruca loira, com o pano verde como écharpe e oculos escuros)-Edgar

Hoover, por favor.. (aproxima-se) Bettina não, Bett, agente especial.

Hoover - shut up Bettina!

(tira o pano e põe em Hoover como um vestido)

Bettina (sai) - missão cumprida.

(Hoover transforma-se em mulher)

Voz off - The presidente of United States of America, mr. Franklin Delane

Roosevelt!

Hoover(desfaz-se rapidamente dos disfarces) a moment! Just a moment!

Einstein/Roos.(entra de cadeira de rodas)- Recebi uma carta de Einstein informando que vão surgir proxicamente novas e importantes fontes de energia que podem conduzir à construção de bombas terrivelmente potentes. Também avisa que os alemães estão a investigar no mesmo sentido, o que se afigura um perigo real no desenvolvimento da guerra. Meu caro Hoover, o que é que o FBI pensa disto tudo?

Hoover - Penso que essa informação é importante, que devemos pôr cientistas a trabalhar na construção da bomba e que Einstein tem de estar fora deste projecto. É judeu e tem claras simpatias pelo comunismo. Não podemos acreditar que ele seja um americano leal. Proponho que Oppenheimer seja encarregado da construção dessa arma.

Roos . - Oppenheimer ?!

Hoover (empurra a cadeira)- Oppenheimer será encarregado da construção dessa arma.

Roos. (sai) - thank's Hoover. God bless America!

Hoover - Jesus! God bless America!

(imagens Hiroshima e Nagasaki)

E.- Oppenheimer! Trabalhou na bomba e depois também caiu em desgraça porque descobriram que tinha ideias anti-fascistas!

(para o público)

O ataque ao Japão foi terrível. Centenas de milhares de mortos. Claro que há sempre o argumento de o militarismo Japonês estar decidido a tudo. E um pacifista não tem o direito de se defender? No meu caso pessoal, nunca deixei de ter um sentimento de culpa. Não fiz a bomba, sou pacifista, e lutei até ao fim da minha vida pela destruição do armamento nuclear.

Mas isso não quer dizer que se abandone a energia nuclear, é um grande avanço científico que pode trazer paz e progresso à Humanidade.

Ch.- Você acha que as pessoas percebem isso ? Como é?

(desenha em mímica) $E = mc^2$

E.-(explica em mímica) E de Energia -A energia é igual a m , a massa de um dado corpo, vezes o quadrado da velocidade da luz.

Ch.- Está bem, eu acredito. Mas é difícil.

E.- Continuemos. O minúsculo núcleo no centro do átomo é onde reside a energia nuclear. O núcleo atómico é o conjunto de prótons, que têm cargas eléctricas positivas, e de neutrões, que são partículas neutras.

Para terminar: é no Sol que é produzida, por fusão, a energia nuclear que permite a nossa existência na Terra.

Ch.- Uf! Até que enfim uma boa notícia. O Sol é a vida.

E.- E, como vê, essa energia nuclear que origina a vida, também pode criar a bomba que é a morte.

Ch.- A eterna dialéctica.

E.- E você ? qual é a fórmula do seu humor, do seu estilo cómico?

Ch.- Muito simples. Não faço chacota nem ridicularizo os pobres, incultos e ignorantes. Sei muito bem, pelo meu nascimento, que eles não têm culpa. E odeio esses falsos humoristas que amesquinham e inferiorizam essa pobre gente.

(cenas explicativas do humor de Chaplin com musica dos filmes)

E.- E a emoção, a lágrima que você provoca no público?

Ch.- Digo o que sempre senti na vida em relação a crianças, deficientes e velhos desamparados. São seres frágeis terrivelmente vulneráveis.

(mima situações, por exemplo, um(a)cego(a), sem abrigo, dá flor, dinheiro, etc.)

E.- Ao contrário de polícias, políticos vaidosos e pedantes, capitalistas de cartola e charuto...

(Correrias, cambalhotas no chão e pontapés)

Ch.- Essa gente é para fazer rir e dar um pontapé no rabo. Para haver a esperança de que os deserdados da terra se levantem.

E.-a nossa luta contra o Hitler e contra os industriais Norte-Americanos...

Ch.- Chefiados por Prescott, avô deste George Bush

E. - demonstrou que tínhamos razão. Com a intervenção dos Aliados alargou-se a derrota que a União Soviética tinha infligido aos nazis.

Musica A Internacional

(Projecções :Tomada de Berlim pela União soviética, PAZ! e imagens da vitoria e alegria popular)

(“In the mood” e “Moonlight Serenade” .Dança colectiva)

E.- A Paz assenta sobre milhões de mortos. E sobre miséria e destruição. Depois de uns tempos de reconstrução e de acalmia social, receio que tudo recomece. O medo, o ocultismo, o crime, a ganância. E os que perderam já estão a pensar em vingança. Foi sempre assim.

Ch.- Com tantas certezas parece um advogado do Diabo.

E.- Sabe, é o eterno movimento circular da Terra, dos astros, da natureza humana.

Ch.- Mas você até escreveu um artigo para o primeiro número da “ Monthly Revue”, um artigo sobre marxismo!

E.- Sim. Para as pessoas se informarem. "Why socialism?" Porquê o Socialismo? Mas, como vê, são coisas que não servem para nada .

Ch.- Desistimos?

E.- Não, nada disso. Eu não sou um "intelectual desalentado", daqueles que desistem perante qualquer dificuldade.

E.- a verdade é que algo melhorou através dos séculos.

Ch.- Até as formas de matar e morrer. Holocaustos, massacres, bomba atómica, gases mortíferos, epidemias...

E.- Tem toda a razão. Matar à pedrada, à espadeirada e à baioneta era uma carga de trabalhos.

Ch.- E fazia doer o braço.

E.- Pronto Charlie, ganhou. Afinal temos de continuar a ter esperança no espírito criativo dos povos e dos seus dirigentes.

(Risos)

(In the mood)

(jornalista fanática)

Tenho aqui o nome de 205 pessoas comunistas que trabalham no Departamento de Estado dos Estados Unidos da América.

São traidores dos nossos ideais e dos princípios puros e livres da nossa Nação.

Em 1949 a União Soviética lançou uma bomba atómica. Quem lhes forneceu esse segredo?

Em 1949 a China caiu nas garras do Exército vermelho de MaoTseToung.

Então, ficamos de braços cruzados?

(Marilyn e Miller no Congresso)

F. Walter (telefone)-sim, podem entrar o sr. Arthur Miller e Marilyn Monroe.

F. WALTER - Arthur Miller, pertence ou pertenceu ao Partido Comunista?

ARTHUR MILLER - Não .

F. WALTER - O seu nome consta de uma lista de gente ligada ao Partido Comunista desde 1939.

ARTHUR MILLER - Frequentei um curso de marxismo. É natural que tenha

assinado alguns papéis, mas não tenho conhecimento de ter entrado para o Partido Comunista.

F. WALTER - Nomes de pessoas que estavam nessas reuniões.

ARTHUR MILLER - Eram escritores, poetas, jovens amantes da liberdade. Já têm uma vida bastante dura, não a vou complicar mais. Não tenho nada a dizer.

F. WALTER - Marilyn Monroe, graças à sua amizade por Arthur Miller, a opinião pública tem-no poupado, não o insulta.

MARILYN - Ainda bem que a minha beleza serve para alguma coisa.

(canta KISS)

(kiss, kiss me)

(hold, hold me)

(kiss me, hold me, kiss me, hold me...)

kiss, kiss me

say you miss, miss me

kiss me love, with heavenly affection

hold, hold me close to you

hold me, see me through

with all your heart's protection

thrill, thrill me

with your charms

take me, in your arms

and make my life perfection

kiss, kiss me darling

then, kiss me once again

make my dreams come true

(this is the moment, oh thrill me)

thrill me, thrill me (with your charms)

take me, take me (in your arms)

and make my life perfection

take me, darling don't foresake me

kiss me
 hold me tight
 love me, love me tonight

(kiss me, hold me, take me, love me, kiss me, kiss me, Kiss me)

F. Walter - para

recorrer da sentença, é preciso gastar muito dinheiro. Diz-se que Arthur Miller não tem a quantia necessária. Será que um homem dessa estatura moral se vai servir do dinheiro da mulher?

MARILYN - Refere-se ao meu dinheiro? Ou ao seu?

F. WALTER - Ao meu?

MARILYN - Sim, o seu. Você faz parte desse público que me dá dinheiro (ri-se). Pois eu vou usá-lo como quiser. Acha que a Constituição dos Estados Unidos me dá esse direito?

(gargalhadas)

(Coreografia com " I wanna be loved by you")

wanna be loved by you
 Just you and nobody else but you
 I wanna be loved by you alone
 pooh pooh bee doo!
 I wanna be kissed by you
 Just you and nobody else but you
 I wanna be kissed by you alone
 I couldn't aspire
 To anything higher
 Than to fill the desire
 To make you my own
 paah-dum paah-dum doo bee dum, pooooo!
 I wanna be loved by you
 Just you and nobody else but you
 I wanna be loved by you alone

I couldn't aspire
 To anything higher
 Than to fill the desire
 To make you my own
 paah-dum paah-dum doo bee dum, pooooo!
 I wanna be loved by you
 Just you and nobody else but you
 I wanna be loved by you alone
 paah-deeedle-eeeedle-eeeedle-eedum,
 poo pooo beee dooo!

Jantar Chaplin com Einstein e Paulette

(musica de filmes)

(Chaplin abre trouxa e prepara mesa para o jantar)

E. (bastidores) - Chaplin, posso entrar?

Ch -. Einstein ! entre, entre!

E.- (entra) - então, boa noite!

Ch. - até que enfim que vem à minha casa! Como eu já não vivo com a Paulette...(indica...casa pobre)

E. - A Paulette...

Ch. - bem, vamos ao jantar.

(abre a trouxa e começa a arrumar panela, pratos, talheres, etc.)

Tem fome?

E, - um bocadinho.

Ch. - está com sorte, que hoje arranjei um bom petisco. (Tira a bota da caçarola)...morde... unh...está muito crua. (volta a pôr na panela)

E o que me diz às investigações da Comissão sobre os nossos amigos?

E..- Qualquer intelectual que for chamado aos Comités deve recusar testemunhar, isto é, deve estar preparado para a prisão e para a ruína económica.

Ch. - Albert, eu sou muito seu amigo como sabe , e sempre achei que você é

muito ingénuo.

E. - eu também acho que sou. Mas digo-lhe. Se houver bastante gente capaz de ter essa coragem ,acabarão por ganhar.

Voz feminina do exterior - Albert! Albert!

Ch. - estão a chamar por você!outra namorada?

E. - sabe, eu disse que vinha jantar consigo, e esta minha amiga gostava de o conhecer.Não se importa?

Ch. - não, a comida dá para mais gente.

E. - pode entrar, minha amiga.

Musica de filmes

(Paulette entra , choca com Einstein, Chaplin levanta a bengala)

Ch. - Paulette!

P. -Charlie!

(Atrapalhação.Não há mais bancos.Charlie senta-se numa caixa. Paulette fica no meio deles)

P. -que saudades!

E. - estávamos falando da Comissão que anda a perseguir os nossos amigos.

P. - andámos nós a lutar contra o Hitler e agora perseguem-nos!

Ch.- Eu não vou a essa Comissão de Actividades Anti - Americanas. Não sou comunista, sou um agitador pela paz. Se lá fosse, levaria vestido o meu traje de vagabundo e durante o interrogatório utilizaria todos os números cómicos possíveis para gozar com os interrogadores. Devo dizer que fiquei muito feliz pelo apoio público do Bogart, da Laureen Bacall e de outras grandes estrelas de Hollywood...

E.- Aos 10 guionistas e actores atacados e proibidos de trabalhar pelo Mccarthismo.

Ch. - isto já está bom. Sirva-se. Olhe, tenho aí umas palmilhas que são uma maravilha. Tenrinhas...

E.- bem saborosas, sim senhor.Paulette...

P. - eu também quero.O Charlie sempre fez esse petisco muito bem.

Ch.- Infelizmente, alguns traíram os colegas. Kazan, Dmitryk...

E. (com cordão da bota) - tem mais disto?

Ch.; há mais, no fundo do tacho.

Ch.- Albert, você sabe que o presidente do sindicato dos actores, o delator máximo, era o Ronald Reagan ? E que o advogado do sindicato era o Richard Nixon?

E,- O quê? Foram os dois Presidentes dos Estados Unidos!

Ch.- Como vê, o crime compensa.

P.- foram sempre uns bandidos, andaram atrás de mim.

Ch.- O quê?nunca me disseste nada.

P. -Tu eras muito ciumento.

E. - com um bocadinho de sal, fica melhor.

Ch. - cuidado com o colesterol. Temos de ter muito cuidado com a alimentação. Você está um bocado gordo.

E. - eu sei, mas não diga nada a ninguém.

Ch. - julga que eu sou algum delator?

E. - acho que não, mas como essa gente está na moda...

P. - Sobre a delação, a melhor frase foi de Orson Welles : por vezes as pessoas falam sob tortura para defender a vida. O aborrecido destas delações é que eles falaram só para defender a piscina.

E.- Outro que saiu dos Estados Unidos e por aí andou pela Europa com a suas caixas de whisky.. era mais gordo que eu.

Ch.- Oh Albert, parece impossível. Como ele era mais gordo, voce já fica à vontade, é isso?

E. - Não, eu não fico feliz com a infelicidade dos outros.

P. - nós ainda temos que comer, mas já pensou na fome que anda pelo mundo? Você conheceu a minha grande amiga, a belíssima actriz Frances Farmer?

E.- claro! Fantástica! Acabaram por enlouquecê-la. Houve suicídios, lançaram gente na miséria.

Ch.- E eu acabei por me refugiar na Suíça. As ameaças e a censura sobre o meu trabalho eram infernais.

Ponha mais molho , é bom.

P.- Bem, mas a nossa luta serviu para alguma coisa. Reparou nas actuais posições públicas dos melhores de Hollywood contra a guerra do Iraque?

Ch.- Susan Sarandon, Tim Robbins, Sean Penn...

E.- o filme do George Clooney " Boa noite e boa sorte"

P.- E, há tempos, "O testa de ferro" do Martin Ritt com o Woody Allen e o Zero Mostel...

Ch.- Uma vez uma senhora deu-me um par de sapatos de Paris, daqueles muito finos que servem para beber champanhe...

E. - já me está a fazer crescer agua na boca.

Ch. - eram uma maravilha, doces, suaves. Nunca experimentou?

E. - não , nunca tive essa sorte.E eu nem gosto de champanhe.

Ch. - olhe, imagine que me caíram mal. Sabe como é, uma coisa boa, a gente come demais, o estomago não está habituado...

P.- bem feito. Quem era essa senhora?

E. Paulette! Com ciúmes?

P. - porque é que julga que a gente se zangou?

(Paul Robson- Sixteen Tons)

Now some people say a man is made out a mud

But a poor man is made out muscles and blood

Muscle and blood, skin and bone

A mind that's weak and a back that's strong.

Refrão

You load sixteen tons and what did you get ?

Another day older and deeper abd debt.

Saint Peter don't call me 'cause I can't go

I owe my soul to the company store.

I was born one morning whwn the sun didn't shine

I picked my shovel and I walked to the mine.

I loaded sixteen tons of number nine coal

And the straw boss hollered « Well, bless my soul »

Refrão

I was born one morning in the drizzling rain ;

Fighting and trouble is my middle name.

I was raised in the bottoms by a momma hound -

I'm mean as a dog but I'm gentle as a lamb.

Refrão

If you see me coming, you better step aside;

A loto f men didn't, and a loto f men died.

I got a fist of iron and a fist of steel,

If the right one don't get you then the left one will

Refrão

E. -Este é o Paul Robson!

Ch. - É de um vizinho que é negro. Está sempre a ouvir aquilo.

P; - outro que foi perseguido.

E. - Tantas lutas que se têm travado! A luta contra a guerra do Vietnam, a luta contra o racismo. As leis de Jim Crow, o apartheid mais vergonhoso, só começaram a ser abolidas com as mensagens dignas e corajosas de Luther King nos anos 60.

Ch.- Oh Albert você não acha graça à evolução dessa luta ?

Já reparou que o George Bush, um legitimo representante daquela América profunda dominada pelo Ku-Klux-Klan, acabou por deixar o Obama, um NEGRO!!! na presidência dos Estados Unidos!

P.- Pior do que isso. Um negro que, ao contrário do analfabeto Bush, até sabe ler e escrever.

E. - e ganhou o Nobel!

P. - O Nobel! Coitado, não teve sorte.

Ch.- Por acaso, acho que teve muita sorte. Olhe se o McCarthy ainda estivesse vivo! Descobriria que o Georjinho do Texas era, afinal, um perigoso agente comunista infiltrado.

E.- Está bem visto. Ainda por cima com a América Latina a deixar de ser o quintal dos Estados Unidos! O Brasil com um antigo operário na Presidência, Bolívia com

um índio, um padre no Paraguai, um militar golpista na Venezuela que ainda por cima é de esquerda...

Ch.- De quem é a culpa?(Todos) Do Bush...ainda por cima mal educado.

E - porquê?

Ch. - não se lembra daquele jornalista do Iraque que lhe atirou os sapatos?

E. - sim, e o Bush desviou-se.

Ch. - falta de educação.O jornalista estava a oferecer-lhe o almoço.

E. - e depois queriam que os Estados Unidos ficassem bem vistos!

(risos)

Ch. - não quer mais?

E. - já não posso mais.

P. - não me diga que não gostou?

E. - gostei e gostei muito. Por acaso, nunca tinha comido estas coisas.

P.-. Pois, tanta coisa boa que nem conhecemos porque nunca tivemos a sorte de nos oferecerem!

E.- Bem , para falarmos a sério, a culpa não é só do Bush. Os povos menos desenvolvidos passaram de escravos a dependentes.

P.- E para isso funcionou muito bem a nossa máquina de sonhos. O “american way of life”, a terra de todas as oportunidades, o país onde o mendigo pode chegar a milionário.

Ch. - e o milionário pode chegar a mendigo.

(P. faz poses clássicas -perna de Cyd Charisse,cabelos de RitaH., etc.)

E.- E subitamente---será a mecânica quântica? -descobriu-se que algumas pessoas dignas e sérias não passavam de ladrões encapotados.

(E.faz massacre de metralhadora, Ch. cai, P.grita sobre ele)

Ch.- Oh Albert, que palavra tão horrível! Ladrões?! Não, trata-se de gestores audaciosos que tudo arriscaram em benefício dos investidores. E como o dólar é que mandava na economia mundial, Banca e industria estão em falência por toda a parte.

E.- quando eu achar um bom par de botas, eu convido e faço eu o jantar.

P. - não, sou eu que faço o jantar.

Ch.- Boas, bem boas, são as dos soldados quando vêm da guerra.

P.- não são tão duras, é isso?

Ch. - pois, e têm um gosto muito mais fino, parece um queijo Francês.

(Paul Robson- Sixteen Tons)

(Cantam, palmas, Ch. faz dança dos pãezinhos)

E.-Chaplin, não sei se sabe, o dólar é papel sem nenhum valor.

Ch. - meu caro Albert, compreendo que esteja zangado com os Estados Unidos, mas quem é que acredita que o dólar não tem valor? Essas conversas até lhe ficam mal!

E. - O Nixon decretou a inconvertibilidade do dólar em 1970.

P.-A inconvertibilidade?O que é isso?

E. - Quer dizer que não tinha correspondência com a reserva de ouro.

P. - então, é como se fossem dólares falsos?

E - é isso mesmo.

P. -o quê?quer dizer que aqueles dolaresdo Nobel que deu à Mileva eram falsos?

E. - não, esses ainda eram bons.

Ch. -Dolares falsos?E os outros países deixaram?

E.- Já percebeu o que é um Império?E o negócio continuou! Em 1980 Reagan implanta o petrodolar. Só se pode comprar petróleo com dólares...

Ch.- Começo a respeitar essa gente! Termos petróleo sem despesas!

E.- Abusaram e mataram a galinha de ovos de ouro.É daí que veio a crise. P. -Uma tragédia mundial.

E.- Crise é fonte de movimento e nunca de estagnação.

P.- Mas, como a resolver? As pessoas estão desanimadas, os países sem dinheiro.Desemprego, miséria, parece aqueles anos em que fizemos "Tempos Modernos", não é Charlie?

E.- A verdadeira crise é a crise da incompetência.

Acabemos de vez com a verdadeira crise que é a tragédia de não querer lutar para a superar.

P.- Albert, agora também é economista?

E.- Não, eu estou a falar de filosofia. Ainda não me esqueci das conversas da

minha juventude no Café Odeon.

Ch.- Na Suíça com aqueles radicais do princípio do século XX...Afinal, você é mais otimista do que parece.

E.- Não é bem optimismo. Meu caro, nós que somos judeus temos hoje um problema grave com Israel e com a Palestina.. Aqueles massacres, os atentados, a fome, o terror. Lembra-se da minha posição?

Ch.- Meu caro cientista, você dizia que preferia um acordo razoável com os Árabes em vez da criação de um Estado Judaico. Acordo razoável?

E.- Como? Sim, hoje parece impossível.

P.- Albert, nunca me esqueci do valor que sempre deu à imaginação para resolver casos difíceis.

Ch.- Terrível é toda aquela guerra interminável ser de raiz religiosa. A propósito, conhece aquela história?

Alguém encontra Deus e pergunta-lhe :

- Deus, diga-me. Qual é a religião que está certa? O judaísmo, o cristianismo ou o islamismo?

- Não sei, eu não sou religioso.

(gargalhadas)

E. - (ri) estava agora a pensar...com tantas guerras e tantos mortos não devem faltar boas botas de soldados...

Ch. - Albert, não se meta nisso. Primeiro estão os governos, depois estão as famílias...

P. - as namoradas, os namorados...

E.- Belo jantar!

Música de filmes

(Ch, começa a arrumar a mesa e a pôr dentro do pano, fazendo a trouxa) E. -

Charlie, as pessoas admiram - no porque o compreendem.

Ch.- E a si admiram - no porque não o compreendem.

P.- e eu amo os dois. São dois doidos admiráveis.

Ch. - Paulette, vamos?

P. - outra vez?lembras-te?

Ch. - como me posso esquecer da imagem mais bonita da minha vida?

P. - vamos querido, vamos outra vez por essa estrada fora.

(beijam e abraçam Einstein)

E.- Adeus menina linda, adeus vagabundo de coração de ouro.

(Charlie e Paulette afastam-se e “entram” no

(final de “ Tempos Modernos”)

Einstein, Morize e Rosina

M. - vejo que vocês eram muito amigos.

E. - estou muito feliz por os ter juntado outra vez. Bem, a conversa está boa mas tenho de me ir embora.

R.- Fique mais tempo, elas esperam.

M.- Rosina! Desculpe, gostava de lhe fazer uma ultima pergunta.

E.- Faça favor.

M.- Porque é que esta peça se chama “ As peúgas de Einstein”?

E.- Como deve imaginar, o autor - mal educado como todos os dramaturgos actuais -, nem me informou, nem me consultou sobre o nome da peça.

M.- Sim, mas...

E.- Eu acho que é uma brincadeira do autor. E também pode ser uma homenagem ao Ionesco, esse louco autor do absurdo. Que escreveu “A cantora careca” e na peça não havia nenhuma cantora, nem careca nem com cabelo.

M.- Não percebo.

E.- É que eu não uso peúgas, nunca usei. Só servem para aparecerem buracos.

(gargalhadas)

Adeus, meu amigo. Beijos, Dona Rosina (beija a mão)

Vou voltar para as estrelas que estão à volta do Sol.

As minhas queridas estrelas de Sobral.

(Projecção: o céu de Sobral)

música 2001

(Boneco Einstein passa de barco no meio das estrelas)

FIM

Helder Costa. Correo electrónico: costhelder@gmail.com

Todos los derechos reservados

Buenos Aires. 2010

CELCIT. Centro Latinoamericano de Creación e Investigación Teatral

Presidente: Juan Carlos Gené. Director: Carlos Ianni

Buenos Aires. Argentina. www.celcit.org.ar. Correo electrónico:

correo@celcit.org.ar